

## O PAPEL DA EXPERIÊNCIA NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA GEOGRAFIA HUMANISTA

Carolina Leardine Zechinatto

carolzechinatto@yahoo.com.br

Instituto de Geociências - Unicamp

### EIXO 4

## MÉTODO E HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

**Palavras-chave:** geografia humanista, pensamento geográfico, fenomenologia.

A Geografia como ciência sempre procurou diversas maneiras de compreender o mundo e as relações que nele se desenvolvem, engendrando metodologias de abordagem fundamentais para o processo de construção de seu conhecimento, traçado pela coexistência de diversas vertentes e concepções de estudo. Essas mudanças derivam de crises e paradigmas que surgiram durante o desenvolvimento da Geografia, incitando algumas transformações teórico-metodológicas. Uma série de transformações científicas, tecnológicas, econômicas e sociais a partir da expansão capitalista e dos processos de urbanização e industrialização, além da Segunda Guerra Mundial (NOGUEIRA, 2008), contribuiu para que filósofos e cientistas questionassem a formulação de leis gerais e metodologias das ciências naturais para a geografia humana,

visto que não davam conta da realidade complexa dos fenômenos (MELO, 2009). Nesse contexto, o presente trabalho procura pensar o papel da experiência à luz da Geografia Humanista e sua importância na aproximação com a abordagem fenomenológica, que busca formas de observação, descrição e compreensão dos fenômenos e nos permite a aproximação com o lugar. “No lugar se dá a experiência [...] e é nesta noção que a fenomenologia mais contribuiu, até agora, aos estudos geográficos.” (MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2003, p. 15).

As dificuldades encontradas para explicar os fenômenos por meio da ciência positivista motivam o retorno às reflexões sobre o cotidiano e a sociedade, colocando o homem no centro das discussões. Por volta de 1970, houve o resgate da discussão da relação homem-lugar por geógrafos anglo-saxões a partir da obra *O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, escrita em 1952 por Eric Dardel, e, primeiramente retomada por Relph em sua tese *The phenomenon of place*, de 1973 (HOLZER, 2001). Dardel fala sobre a consciência do mundo a partir do corpo, da relação mais primitiva e instintiva do homem com a Terra, a qual vai chamar de experiência telúrica (DARDEL, 2011). Para ele, antes de qualquer institucionalização da geografia, existe uma vontade inata de

conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo

natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011, p. 1-2).

A *geograficidade* de que fala Dardel implica num pensar homem-Terra indissociável. A sua busca pela essência geográfica é, em si, a maior expressão da fenomenologia na Geografia. No mesmo período em que Dardel tem sua obra retomada, a Geografia Humanista começa a ser sistematizada, contemporaneamente à Geografia Crítica, que também estava descontente com a Nova Geografia teórico-quantitativa (MARANDOLA JR. e GRATÃO, 2003). É durante essa década que geógrafos franceses passam a pensar o espaço como mundo vivido, tendo Armand Frémont como precursor. Frémont afirma que é no espaço vivido que são reveladas as complexidades das realidades geográficas, onde se integram a dimensão do tempo (histórico e pessoal) e do movimento (deslocamento no tempo-espaço). É nesse espaço vivido que se dão as experiências humanas, espaço visto, apreendido, sentido (FRÉMONT, 1980).

Conforme Nogueira (2008), outros geógrafos buscaram sua base em Dardel, como Tuan, que estudou a experiência humana a partir dos sentimentos gerados na relação do corpo com o lugar, envolvendo os sentidos do homem (TUAN,

1983) e Buttimer, que viu o espaço enquanto mundo vivido e discutiu a relação existencial entre homem e Terra, encontrando na fenomenologia uma maneira para se alcançar a experiência humana (BUTTIMER, 1982). De acordo com Melo (2009), aparecem também trabalhos sobre percepção e comportamento espacial de maneira que a Geografia passa a se preocupar também com o enfoque cultural, no qual os fenômenos são compreendidos a partir das experiências na relação natureza-sociedade-cultura, retomando a formulação de um conhecimento mais intuitivo que, “realizado quando o homem dá significados ao objeto, é congregado na própria noção de experiência. É a partir desta que a Geografia Humanista se une à Fenomenologia” (DE PAULA, 2007, p. 28).

Foram os geógrafos humanistas que lutaram para que algumas bases fenomenológicas fossem inseridas nas análises geográficas. Alguns de seus autores, como Edward Relph, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer, buscaram influências em filósofos como Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty (GOMES, 2000). Em suma, a Geografia Humanista contribui para revelar a natureza das experiências e pensamentos humanos, das emoções, valores e atitudes, bem como o poder dos símbolos e significados, o que nos ajuda a compreender a relação entre o sujeito e seu lugar (TUAN, 1982). O ato de significar/dar

significância aos fenômenos aparece na própria relação da experiência, de maneira que a fenomenologia, como busca da essência dos fenômenos, está buscando também a construção da experiência. Assim, a Geografia Humanista visa não apenas a compreensão do fenômeno, mas de um fenômeno que é vivido (DE PAULA, 2007).

Propondo uma metodologia de estudo mais qualitativa, a Geografia Humanista traça um caminho reflexivo. As principais características da filosofia fenomenológica são: a busca das essências através da experiência particular e a (re)valorização do conceito de lugar, da memória e das tradições, contribuindo para os estudos da intencionalidade e da intersubjetividade, ou seja, o indivíduo não é visto isoladamente, mas na construção dos lugares a partir de suas inter-relações sociais (GOMES, 2000). É nessa relação homem-mundo que a geograficidade de Dardel se revela. Importante, portanto, para compreender a relação homem-Terra debatida pela Geografia (terra como lugar de vida e não apenas no sentido físico/natural).

Para Tuan (1983, p. 10), “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. A descrição e interpretação desses dados, utilizadas no método fenomenológico, não visam explicação

em si, mas a compreensão dos fenômenos, e, assim, o geógrafo mantém entre parêntesis seus pré-conceitos e pré-concepções para colocar-se na posição daquele que experimenta o fenômeno (NOGUEIRA, 2008). Essa busca por uma descrição detalhada implica na utilização de uma metodologia qualitativa como base, necessária para lidar com a variabilidade e flexibilidade dos resultados obtidos, pois a pesquisa quantitativa induz os resultados da análise, visto que suas restrições impedem que detalhes importantes sejam considerados nos resultados finais (MARANDOLA JR., 2009).

Utilizando o conceito de *habitar* de Heidegger, Marandola Jr. (2008) entende que a relação homem-lugar é, em si, um habitar que se dá a partir da construção de relações que permitem o ser-e-estar no mundo. Para o autor, a forma com que o homem habita o espaço dá acesso a diferentes experiências e que, portanto, experiência e existência são indissociáveis e correspondem ao próprio habitar. Assim, a relação homem-lugar se dá a partir das experiências do homem enquanto parte atuante do mundo visto e que, sem existência, não é possível experimentar. No caso da Geografia, o estudo da experiência é também uma busca pela existência do homem atrelada à sua referência espacial. Essa existência pode ser revelada não só através da experiência, mas também do imaginário e da memória

na qual, a partir da imaginação, é possível buscar a experiência no cotidiano da relação homem-lugar. Se sem a existência a experiência não é possível, tampouco a existência se dá sem o mundo. Para que esse mundo exista, é preciso ainda existir o outro (MARANDOLA JR., 2005).

Para Tuan (1983) a experiência está ligada ao modo com que as pessoas entendem a realidade e como ela é construída e vivida. Para isso, as categorias espaço e lugar seriam complementares e de extrema importância para a compreensão da experiência, onde o espaço permitiria o movimento e o lugar, o descanso, a pausa. Na perspectiva humanista da Geografia, é no mundo vivido que se dá essa experiência geográfica que de “tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social” (DARDEL, 2011, p.6). Dessa maneira, é preciso que cada um analise sua própria experiência, buscando pontos em comum com os outros (experiências compartilhadas) e, assim, obtenha uma perspectiva mais humanista para os métodos de pesquisa.

Posto isso, entendemos que a Geografia Humanista construiu um quadro de manifestações epistemológicas diversas, possibilitando novas maneiras de compreender a

construção de valores e atitudes para enfrentar os desafios que se instalam constantemente, procurando tornar o conhecimento geográfico mais completo (ROCHA, 2007). Nesse sentido, o homem retomou papel fundamental nas modificações diretas e indiretas do espaço em seu entorno, articulando feições sociais e ambientais de maneira que os relatos das experiências do homem se tornam as bases da Geografia Humanista, apoiada na fenomenologia, para a compreensão do mundo e dos fenômenos cotidianos.

### Referências bibliográficas

- BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). 1982. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. P.165-193.
- DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. (trad. Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE PAULA, F. C. **Geografia de bairro**: territórios vividos e experiência urbana no bairro Bosque, Campinas. 2007. Monografia (Graduação em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. (trad. Antonio Gonçalves). Coimbra: Almedina, 1980.
- GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- HOLZER, W. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. P.103-122.
- MARANDOLA JR., E. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de Geografia** (PUCMG), Belo Horizonte, v. 15, n. 24, p. 49-67, 2005.
- \_\_\_\_\_. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar urbano. **Caderno de Geografia** (PUCMG), v. 18, p. 39-58, 2008.
- \_\_\_\_\_. Tangenciando a Vulnerabilidade. In: HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR., Eduardo (orgs.). **População e mudança climática**: Dimensões humanas das mudanças ambientais globais. Campinas: Mundo Digital, 2009. P.29-52.
- \_\_\_\_\_.; GRATÃO, Lúcia H.B. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, v.12, n.2, p.5-19, jul./dez. 2003.
- MELO, A. de S. A entrada da Geografia Humanista na ciência Geográfica. II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico – ENHPG. **Anais...** São Paulo, 2009.
- NOGUEIRA, Amélia R. B. Uma interpretação fenomenológica na Geografia. In: SILVA, Aldo; GALENO, Alex (orgs.). **Geografia**: Ciência do Complexus. Porto Alegre: Sulina, 2008. P. 209-236.
- ROCHA, S. A. Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA'E GA**, Curitiba, n.13, p.19-27, 2007.
- TUAN, Y. Geografia Humanista. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio.(org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. P.143-164.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.